



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

LAZER E ALTERIDADE: BUSCANDO APROXIMAÇÕES COM O CAMPO ANTROPOLÓGICO¹.

Fabrcia Melo das Neves
José Alfredo Oliveira Debortoli
Karla Tereza Ocelli Costa
Khellen Cristina Pires Correia Soares
Sonia Cristina Assis

RESUMO

No contexto da Pós-Graduação, temos nos colocado o desafio de problematizar o Lazer para além dos espaços urbanos, ao encontro de outros modos de viver. Ao nos aproximar de contextos como os de povos indígenas e Comunidades Quilombolas, de práticas sociais como a Folia de Reis em Minas Gerais ou a Festa do Boi Bumbá do Amazonas temos sido desafiados a interpelar o Lazer entrelaçando-o a práticas sociais. Sendo assim, propomos analisar as experiências de Lazer de uma forma relacional, imbricadas em realidades vividas, encarnadas, de forma cotidiana e histórica. Os contextos e experiências culturais apresentados têm como intenção apontar, nos estudos do Lazer, a necessidade de focarmos outras referências, contextos e indagações de pesquisas para que dessa forma possamos ampliar o olhar sobre as pessoas e suas práticas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos do Lazer; Antropologia; Alteridade.

ABERTURA

No contexto da Pós-Graduação, temos nos colocado o desafio de problematizar o Lazer para além dos espaços urbanos, ao encontro de outros modos de viver, abrindo caminhos de compreensão para outras formas de relação com o ambiente e com as pessoas, gerando práticas sociais e experiências culturais ricas de sentido. Ao nos aproximar de contextos como os de povos indígenas e comunidades quilombolas, ou de práticas sociais como a Folia de Reis em Minas Gerais ou a Festa do Boi Bumbá do Amazonas temos sido desafiados a interpelar o lazer entrelaçando-o a práticas sociais complexas, trazendo consigo outras formas de percepção do tempo, do território e dos processos de produção cotidiana da vida.

Justamente isso é o que tem nos provocado problematizar experiências de Lazer enfatizando-as como práticas sociais, contextualizando-as em diferentes expressões que

¹ FONTE DE FINANCIAMENTO: Financiamento da Fapemig por meio da modalidade: Participação Coletiva em Eventos de Caráter Científico e Tecnológico.



revelam histórias de práticas e processos de envolvimento social. Buscamos relacionar conhecimentos vivos e dinâmicos, no sentido proposto por Tim Ingold (2000), explicitando processos de habitar o mundo, com experiência cultural e como relações sociais de aprendizagem.

Em diálogo com o Campo Antropológico sabemos que o conceito de Cultura tem sido profundamente debatido e problematizado. Nesse sentido, ao focar o campo de estudos do Lazer, propomos colocar no centro do debate a própria noção de Cultura, indagando mais que uma compreensão conceitual, mas a percepção da urgência de encontrarmos respostas aos desafios cotidianos que reclamam experiências de direito e cidadania. Dessa perspectiva, assinalamos que o debate sobre as políticas de Lazer precisa assumir o desafio de enfatizar a corporalidade humana como dimensão constitutiva das relações e da alteridade das pessoas.

1. DIANTE DA CENTRALIDADE DE UM CONCEITO: O LAZER AFIRMADO COMO “DIMENSÃO DA CULTURA”.

Nas Ciências Humanas e Sociais, a noção de Cultura se tornou uma noção central para falar dos seres humanos, sua organização, seus conhecimentos e seus comportamentos, tanto em sua condição universal quanto em seus aspectos particulares. Apresenta, por isso, ambiguidades que reclamam ser evidenciadas. Para Marshall Sahlins (1997), as ameaças contemporâneas ao conceito de Cultura incidem justamente sobre uma acepção relativista e distributiva, que acaba por impor uma ambígua e permanente condição de desigualdade, que em nome de uma política de diferenças muitas vezes nubla a compreensão do desenvolvimento dinâmico dos sistemas culturais.

Por isto, tomamos o tema da Cultura como um debate político-conceitual que requer uma compreensão dinâmica, que relacione tanto o reconhecimento e valorização de experiências cotidianas singulares quanto o direito de acesso a conhecimentos e saberes universais. Ao colocar no centro do debate a noção de Cultura, procuramos provocar, mais que uma compreensão conceitual, uma percepção da urgência de encontrarmos respostas aos desafios cotidianos, e o relacionamos ao debate sobre as políticas de direito, que também incluem o lazer, e precisam assumir o desafio de enfatizar as experiências culturais como dimensão constitutiva das relações e da alteridade das pessoas.

Dessa perspectiva, o pensamento antropológico de Roy Wagner (2010) – embora constituído no culturalismo norte-americano, não se alinha a perspectivas interpretativistas –



convida a aprofundar um sentido relacional das culturas. Atento às relações de poder, sua compreensão da experiência cultural se assinala como um campo de possibilidades, no sentido do desafio de encontrarmos outras perguntas e novas respostas aos desafios cotidianos e práticos da vida. Nesse sentido, nos impõe indagar se estamos suficientemente abertos para o envolvimento e o aprendizado de sistemas culturais que desafiam nossos sistemas simbólicos. A noção de Cultura tomada de forma relacional nos convida a uma ampliação das nossas possibilidades de ser no mundo, levando-nos a indagar a experiência cultural forma mútua e recíproca.

Assim, se, por um lado, é importante enfatizar como propõe Sahlins (1997), a cultura como sistema simbólico que nos possibilita organizar e compreender a vida social, que se revela em rituais, mitos e tradições orais, por outro lado, Tim Ingold (2000) nos provoca atenção para outras áreas igualmente centrais da experiência cultural, bem como outras possibilidades práticas de narrativa de nossa história social. Assinala que na maior parte do século XX os antropólogos prestaram pouca atenção à vida cotidiana, à cultura material e à arte, relegadas à periferia dos interesses antropológicos.

Ao questionar uma noção representacionista de Cultura, Ingold nos provoca desconfiar da absolutização da linguagem como repositório do significado cultural, afirmando que muito do conhecimento que usamos na vida cotidiana resiste a tais articulações e qualquer tentativa de traduzir em palavras transformaria sua natureza, como por exemplo, as habilidades práticas do artesão, ou da música e da dança.

Dessa perspectiva, Bruno Latour (2012) também irá problematizar a noção de Cultura e da própria concepção de social, como se fosse algo restrito a uma ideia de reunião de indivíduos, capaz de explicar todas as possibilidades de organização da vida. Também para Marilyn Strathern (2014, p. 239), a definição de sociedade como uma oposição ao “indivíduo”, acaba por produzir mais uma dicotomia, e faz com que as relações pareçam secundárias e não primárias para a existência humana.

Nessa direção, Ingold (2003), Strathern (2014), Toren (2013) utilizam o termo socialidade, como uma noção fundamentalmente relacional, buscando enfatizar que as pessoas se tornam seres dentro de contextos históricos e do envolvimento contínuo com as outras. Para Toren (2013), a noção de Cultura, tomada de forma objetivada, nos impede de entender aqueles que não fazem uso dela. Nosso desafio é buscar entender as experiências culturais sem cair nas armadilhas das dicotomias, enfatizando a vida cotidiana, onde pessoas e



coisas, humanos e não-humanos, em seus ambientes, interagem de forma permanente e duradoura.

Sendo assim, propomos analisar as experiências de Lazer de uma forma relacional, imbricadas em realidades vividas, encarnadas, de forma cotidiana e histórica. Sentimo-nos impelidos a intensificar a percepção de relações igualmente ambientais e políticas, técnicas e econômicas, na direção da compreensão dos sentidos da vida social, e promover uma reflexão antropológica de formas de expressões de uma cultura material imbricada em relações territoriais igualmente práticas e simbólicas.

Nossa proposta, então, no sentido proposto por Roy Wagner (2010), é ampliar o que se pergunta e o que se responde sobre o Lazer. Dessa perspectiva, apresentamos nossas pesquisas que emergem em diferentes campos empíricos, colocando-os em diálogo com os estudos do lazer. Destacamos: a Irmandade Folia de Reis São Francisco de Assis, localizada na cidade de Carmo do Cajuru, em Minas Gerais; a Comunidade dos Arturos, em Contagem, também em Minas Gerais; as práticas corporais de Lazer no contexto indígena do povo Xerente no estado do Tocantins e a tradição do Boi Bumbá no Amazonas.

2. INDAGANDO MODOS DE VIVER E HABITAR O MUNDO: OUTRAS PERGUNTAS PARA O CAMPO DO LAZER.

Apresentamos, neste item, quatro contextos empíricos com suas especificidades de experiências culturais, revelando formas singulares de produzir coletivamente sentido à existência de comunidades, povos e práticas sociais, transitando entre heranças tradicionais locais e dialogando com tradições de um mundo moderno e economicamente globalizado.

2.1. FOLIA DE REIS SÃO FRANCISCO DE ASSIS

A partir de uma pesquisa etnográfica investigamos a Irmandade Folia de Reis São Francisco de Assis na perspectiva da festa, do ritual e da religiosidade, entrelaçando o Lazer como possibilidade de novas questões para o campo de estudos. Nesse contexto, enfatizamos a Folia no que tange as relações que seus integrantes estabelecem, revelando sua organização e interação com os instrumentos sonoros, produzindo assim uma corporalidade em música e movimento, em plena interação e produção de sentido social. O ritual da Folia de Reis emerge por processos contínuos, cada folião desempenha seu papel e função, uns carregam a palavra



cantada que será proferida, outros carregam os gestos que serão manifestados. Da mesma maneira comunicam os instrumentos que integram o ritual, uns pela sonoridade e outros pela simbologia, como bandeira ou lenço, e nesse acontecimento todos seguem o andamento da ordem de ações internas aos ritos. A comemoração da Festa da Folia de Reis surge do nascimento do Menino Jesus que promove o compartilhamento, a doação, a devoção, o festejar, que é semelhante ao comemorar.

A Folia de Reis São Francisco de Assis é composta pelos seguintes instrumentos sonoros: um acordeom, duas sanfonas, dois violões, uma viola de 10 cordas, três cavaquinhos, duas caixas, dois reco-recos e dois dourados². Segundo os embaixadores, os principais instrumentos da Folia são as sanfonas e as caixas, isso porque eles fazem toda a marcação melódica e rítmica da Folia, sendo as sanfonas consideradas primeira guia e as caixas segunda guia. Desta forma, um embaixador só começa seu canto depois que é executada uma introdução melódica feita pela sanfona e ouvir o toque de batida das caixas. Como uma orientação, a sanfona e a caixa direcionam a folia pela música, dando entradas, saídas, tom, ritmo e, sua função mediadora, equilibra todo o fazer musical. A introdução harmônica da sanfona ajuda tanto embaixador a entrar na tonalidade como também os músicos foliões, somente depois de escutá-la é que todos se juntam a ela, como narra o embaixador Zé da Ana.

“A sanfona puxa e os outros instrumentos vão atrás, como o cavaco que tem que está afinado com o acordeom”.

No coletivo dessa prática, as caixas também exercem seu papel mediando as relações dos foliões entre ritmo e melodia. Uma caixa fora do ritmo pode desequilibrar toda a música como retrata o embaixador Subio.

“A caixa é uma marcação, mas se ela tocar muito alto ela atrapalha, se o som dela for mais alto que a voz da gente, obriga a gente a cantar mais alto ainda e aí já tira do ouvido”.

A expressão “tirar do ouvido” se refere quando os embaixadores não conseguem escutar a tonalidade certa do canto, ou seja, o mesmo que “cantar fora do tom” ou “atravessar”. Todos esses desarranjos causam desencontros, desorganização ou “enxurrada”.

² Dourados são bambus de dois metros de comprimento com chocalhos na extremidade superior e utilizado pelos palhaços para acompanhar a marcação rítmica da folia e realizar suas danças.



Caso os embaixadores não consigam retomar o equilíbrio musical da Folia a providência é parar a cantoria e começar tudo de novo, fato que não presenciamos.

Toda essa riqueza de entrelaçamentos, realçada na musicalidade dos foliões, se expressa nas formas duradouras das pessoas e coisas se situarem e se relacionarem no mundo (Ingold, 2012). Nesse movimento, as relações entre pessoas e instrumentos na prática festiva da Folia de Reis São Francisco de Assis revelam-se em socialidade através da expressividade musical, comunicando e interagindo tanto no plano físico como espiritual. Em diálogo com Latour (2012) observamos que os objetos deixam de ser apenas artefatos e passam a ser atores (actantes³), ou seja, participam das ações e provocam transformações. Assim, a Folia de Reis se integra num sistema sócio cosmológico organizado por uma coletividade heterogênea (humanos e não humanos) indissociável dos cantos, da dança e da reza, e os instrumentos musicais movimentam e atuam como integrantes ativos no discurso sonoro musical.

Na esfera pública a Folia de Reis deixa rastros sonoros mudando a rotina dos moradores da cidade. Escolhemos dentro dessa natureza festiva e ritualística entrelaçar o Lazer, entendendo-o como processo de produção ética e estética de uma vida social e como possibilidade de narrativa histórica, descortinando formas e maneiras de se constituir pessoas e produção de vida coletiva.

2.2 COMUNIDADE DOS ARTUROS

Ao nos aproximar da Comunidade dos Arturos buscamos compreender que relações emergem a partir da participação da comunidade na Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, sabendo que esta participação é construída na relação com seus pares influenciados pela estrutura de rede social, processos educativos e acesso a bens materiais e culturais. Esta festa representa para a comunidade uma ferramenta de empoderamento diante de um mundo que por vezes a sufoca e invisibiliza. Ao trazer para o centro da conversa a prática festiva foi possível discutir as possibilidades de estas experiências culturais trazerem à tona histórias que também se revelam no cotidiano, compreendendo que as festividades podem revelar alteridades que se expressam no envolvimento, formas de participação, aprendizagem e experiência cultural. A ênfase sobre o Lazer justificou-se em um movimento de busca constante que temos feito, procurando ir além de dicotomias, e dualismos como, por exemplo,

³ Tudo aquilo que produz uma ação que pode ser humano e não humano.



tempo de trabalho e tempo livre; necessidade e liberdade; natureza e cultura. Entender o Lazer como expressão estética tornou-se imprescindível para compreender o processo de tornar-se um Arturo.

Participar da festa, saber tocar os instrumentos, proteger-se com o rosário, rezar junto ao Altar pedindo proteção aos Santos foi se revelando mais que uma estratégia para compreender a Festa, mas uma forma de se conectar aos fundamentos e rituais do Congado, e, de alguma forma, participar dessa prática de forma encarnada, envolta de sentidos e relações. Pudemos perceber-sentir que, seus integrantes, envolvidos e entrelaçados pela festa, é como se experimentassem lembranças de um modo de ser Arturo e de viver da e na festa. No momento do festejo, a história não se apaga, mas se revela em uma memória de práticas. Arrastam consigo a fé, as relações afetivas e de poder, as negociações e os conflitos inerentes à vida social, encarnadas no corpo, nos gestos e nas formas como se aprende/produz sentido a partir desse encontro consigo, com os outros, com as coisas e (em) seus lugares/territórios.

Em novo estudo em andamento, no contexto Quilombola, indagando suas práticas culturais, temos buscado trazer à tona processos de constituição das pessoas e seus processos identitários envolvidos na materialidade do dia a dia, como um modo de fazer político destas comunidades, como um modo de estabelecer relações com e no mundo. A relação do ontem ancestral com o hoje contemporâneo, que se manifesta em um rico universo mágico-religioso, a relação política de resistência e rendição características das necessidades contra hegemônicas e principalmente a materialidade que se expressa no direito pela terra. Não mergulhar nestes universos seria como “desencantar” o universo quilombola.

2.3 POVO XERENTE DO TOCANTINS

O estudo com os povos indígenas tem nos trazido possibilidades de aprofundamento a questões relacionadas à diversidade das experiências culturais que, quando relacionadas ao campo de estudos do Lazer, entendemos favorecer uma discussão que pode qualificar a formulação e a implementação de políticas de direito. Terena (2011) aponta que

Os povos indígenas do Brasil vivem competindo pela sobrevivência com os animais, pássaros e peixes, andando e percorrendo grandes distâncias nas matas e nos rios em busca de alimento, sempre mantendo uma íntima relação com os elementos da natureza. Quando um indígena nasce, dá seu primeiro mergulho no rio ou no lago. Depois, passa por várias etapas de iniciação até chegar na fase adulta, obedecendo aos ritos culturais de sua etnia. As manifestações culturais e práticas corporais sempre estarão ligadas aos



elementos que compõem a ordem natural da sustentabilidade em seu ecossistema. (TERENA, 2011, p.20)

O Estado do Tocantins possui uma população indígena em número aproximado de 13.233 índios, conforme dados do censo de 2010 divididos segundo a língua em três povos: Akwẽ (Xerente), Timbira (Apinajé, Krahô e Krahô-Kanela) e Yny (Karajá, Javaé e Xambioá), sendo estes distribuídos em sete etnias.

Temos buscado conhecer e inventariar um conjunto de técnicas e modos de vida no cotidiano indígena Xerente, aproximando-nos de processos de envolvimento, territorialização e alteridade. Tal discussão se justifica a partir da compreensão de que as questões relacionadas aos povos indígenas, quaisquer que sejam elas, transcendem as fronteiras de suas coletividades e afetam sobremaneira — por razões políticas, culturais, históricas e sociais — a construção de uma sociedade democrática e plural (BERTOLANI, 2008).

Apesar das pressões em favor de uma homogeneização cultural, nas sociedades contemporâneas pode-se observar a afirmação das identidades étnicas e, ao mesmo tempo, um fluxo maior através de suas fronteiras, o que leva a formas diversas de relação com a alteridade. Veras (2004) destaca que o tempo em que, para encontrar o exótico, era preciso cruzar oceanos entrou para a história da Antropologia. Assim, as sociedades plurais demandam análises finas dos processos identificatórios, excludentes, classificatórios e integradores.

Um estudo mais profundo e crítico acerca da autonomia cultural ou intencionalidade histórica da alteridade indígena nos permite verificar que

[...] devemos prestar mais atenção aos hesitantes relatos etnográficos sobre os povos indígenas que se recusavam tanto a desaparecer quanto a se tornar como nós. Pois acontece que essas sociedades não estavam simplesmente desaparecendo há um século, no início da antropologia: elas ainda estão desaparecendo – e estarão sempre desaparecendo [...] Elas vem tentando incorporar o sistema mundial a uma ordem ainda mais abrangente: o seu próprio sistema de mundo. (SAHLINS, 1997, p. 52).

Essa percepção do processo de alteridade, no estudo do povo Xerente, poderá revelar aproximações com os estudos do Lazer, por meio da análise das experiências culturais. Neste momento verifica-se o Lazer como necessidade humana e manifestação cultural socialmente construída. Gomes *et al* (2009) acrescentam ao nosso entendimento quando destacam que

O Lazer é uma criação humana em constante diálogo com as demais esferas da vida. Participa da complexa trama histórico-social que caracteriza a vida em sociedade, e é um dos fios tecidos na rede humana de significados,

símbolos e significações e trazem as análises de Gomes e Faria que colaboram com esse debate, entendendo que o Lazer deve ser pensado no campo das práticas humanas como um emaranhado de sentidos e significados dialeticamente partilhados nas construções subjetivas e objetivas dos sujeitos, em diferentes contextos de práticas sociais. (GOMES *et al*, 2009, p.99)

Entrar em contato com os sentidos elaborados no cotidiano indígena traz a tona reflexões pertinentes e atuais acerca do seu processo de envolvimento histórico com o ambiente. Sendo este compreendido como o estudo da vida social, ou melhor, dizendo, as relações de crescimento, habitação e processos de vida. O ambiente, no sentido de lugar, onde as estruturas emergem de toda uma gama de práticas e processos, como um território em que seja construída a identidade histórica do indígena.

O território indígena e sua temporalidade se diferenciam dos demais territórios e temporalidades dos sujeitos que compõem a sociedade envolvente, cada realidade vem sendo construída a partir das experiências, vivências, sentidos e significados elaborados no cotidiano individual e coletivo. Raymond Williams (1961) entende que culturas específicas têm versões específicas da realidade, que podem considerar-se criadas por elas, com diferentes regras criam seus próprios mundos habitualmente experimentados por seus portadores.

Pensar estas outras culturas, pensar a diversidade, vai além do reconhecimento do outro. Significa, sobretudo, pensar a relação entre eu e o outro, uma vez que a diversidade, em todas as suas manifestações, é inerente à condição humana: somos atores/sujeitos sociais, históricos e culturais e, por isso, diferentes. O debate acerca do lazer e alteridade indígena é necessário, partindo do entendimento do conceito de simetria (LATOUR, 1991). Ao propor a Antropologia Simétrica, Latour contribui com a compreensão de que simetria não significa nem justiça, nem igualdade, nem equidade, nem nenhum desses nobres ideais aos quais não há nada a opor, e sim ao fato de que nossos conceitos e nosso pensamento devem se transformar simetricamente aos conceitos e pensamentos que transformam quando a eles se aplicam. Indica inequivocamente uma prática destinada a enfatizar as diferenças em seu sentido intensivo.

2.4 OS BOIS DE GARROTE

O Boi Bumbá do Amazonas é uma manifestação local que alcançou repercussão nacional nos últimos anos, mostrando o duelo dos bois Garantido e Caprichoso na arena do



Bumbódromo no Festival de Parintins. Este evento traz em seu enredo elementos das etnias negra, europeia e indígena que constituíram a população brasileira, encenadas e dramatizadas com carros alegóricos, danças, músicas e efeitos cenográficos que compõem um grande espetáculo competitivo. A dimensão da festa ganhou proporções cada vez maiores e sua configuração acabou por associar a brincadeira popular em competição. Segundo Furlanetto(2011)

O espetáculo constitui uma espécie de ópera popular, resultante da união de elementos das culturas europeia, africana e indígena, no qual o boi é a principal figura de representação. Em todas as áreas brasileiras onde aparece o folguedo, a temática se desenvolve, basicamente, em torno de um rico fazendeiro (elemento branco) cujo boi de estimação é roubado por Pai Francisco, negro escravo da fazenda que mata o animal do seu senhor para satisfazer o desejo de sua esposa grávida, Mãe Catirina, que quer comer a língua do boi. Pajés e curandeiros (elemento ameríndio) são convocados para reanimar o animal e, quando o boi ressuscita urrando, todos os brincantes cantam e dançam em redor do boi, em uma enorme festa para comemorar o milagre. (FURLANETTO, 2011, p. 3)

O Festival de Parintins revela um fenômeno presente em toda a América Latina, a espetacularização e a canibalização da cultura popular, na medida em que esta fica submetida ao sistema de mercado e massificação da cultura, transformando-a em um produto vendável com uma produção vulnerável. Em Parintins, a entrada de empresas de grande porte transformou a brincadeira de rua num show, num atrativo turístico semelhante ao carnaval do Rio de Janeiro. Sobre a espetacularização e a canibalização

Os dois termos procuram exprimir a percepção e a consciência de que as culturas populares estão sendo expostas a um movimento crescente e contínuo de invasão, expropriação e predação, conectando basicamente com a voracidade das indústrias do entretenimento e do turismo e também com a cooptação de artistas populares por parte de políticos regionais populistas. (CARVALHO, 2010, p. 41)

O Boi Bumbá é uma manifestação anterior ao espetáculo, no qual pessoas se ajuntam para “brincar de boi” e celebrar a sua cultura de um jeito particular. Em Manaus, a brincadeira de boi é comemorada nos festejos do mês de junho. Na década de 70, o boi tomava as ruas da cidade como brincadeira, encenando o Auto do Boi com as fileiras dançantes de cada personagem e a matança do boi, passando pelas casas da vizinhança, atraindo crianças e adultos e agregando simpatizantes. A rivalidade entre os grupos de boi chegava a ser registrada nos jornais da cidade por conta da violência entre os brincantes contrários. Nesta



mesma década os jornais “Jornal” e “Diário da Tarde” promoveram o Festival Folclórico na cidade localizado na Praça General Ozório, centro da cidade, no qual os grupos folclóricos se reuniam para se apresentarem e animarem as festas juninas. Segundo Andrade (1978) além dos vários bois que se apresentavam no festival

Existem também os chamados “Garrotes” que são bois menores e brincados por adolescentes ou meninos. Dentre os Garrotes mais conhecidos de Manaus, temos: “Pingo de Ouro”, “Sete Estrelas”, “Pena de Ouro”, “Dois de Ouro”, “Campineiro” e “Flor do Campo”, alguns desses produtos são exclusivos do Festival Folclórico de Manaus. (ANDRADE, 1978, p. 161)

Hoje, os bois de Garrote continuam vivos e atuantes. De acordo com a Secretaria de Cultura do Estado⁴ existem sete grupos folclóricos de Garrotes, Associação Folclórica Garrote Majestoso, Garrote Estrelinha, Garrote Esplendor, Garrote Renascer, Garrote Filho do Campo, Garrote Tira Fama e Garrote Tradicional Tinideirinha. Quando solicitado, o grupo faz apresentações em diversos lugares como escola e ruas de outros bairros da cidade mediante pagamento de cachês. Cada grupo também recebe financiamento do Governo do Estado mediante cumprimento de edital e a verba destinada a cada grupo os auxilia na manutenção e produção para o Festival Folclórico de cada ano.

Apesar do evento do Festival Folclórico demarcar a presença dos bois de Garrote na cidade, eles continuam a sair para a brincadeira durante todo o ano e mantendo as crianças como participantes ativos em todo o processo. Neste sentido, nossa pesquisa volta-se para a compreensão de como estes grupos sobrevivem apesar da predominância de agremiações de bois mais estruturadas. Uma vez feito um levantamento a cerca da existência desses grupos de boi Garrote, a partir de uma reunião de fontes históricas, de registros documentais e de memória oral, há de se construir uma análise sobre o papel da criança e da infância nessa dinâmica social, buscando compreender como o brincar e o divertimento são vivenciados por esses brincantes.

Em um levantamento inicial, já é possível visualizar um diálogo com a noção de divertimento apontada por Melo (2013), em contraponto ao conceito de Lazer, que muitas vezes está inserido num contexto de oposição ao trabalho. O autor argumenta sobre a necessidade de se pensar nas transformações dos tempos sociais nos estudos históricos, ou

⁴ Informações obtidas mediante visitas à Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas, em Março de 2015.



seja, de se observar as práticas sociais de forma diacrônica, considerando a atuação do homem no mundo de forma contextualizada.

Como objetivo central, este projeto se propõe a investigar a potência de uma manifestação cultural, popular e urbana, o Boi Bumbá, que emerge de um contexto dinâmico entre pessoas e suas relações. Busca-se compreender como os processos do fazer espontâneo, inauguram práticas nas quais as relações se entrecruzam no contexto do lazer, do lúdico ou do divertimento. Incurções pontuais serão feitas nesse universo, buscando reunir fontes sobre esses bois e observando a organização das atividades que alcança seu ápice na festa, o Festival Folclórico.

PARA CONTINUAR O DEBATE

Os contextos e experiências culturais apresentados têm como intenção apontar, nos Estudos do Lazer, a necessidade de focarmos outras referências, contextos e indagações de pesquisas para que dessa forma possamos ampliar o olhar sobre as pessoas e suas práticas sociais. Isso nos desafia compreender a complexidade do lazer nos dias atuais, sabendo que este dialoga com o que as pessoas e grupos sociais, considerado que os seus modos de vida e relações são estabelecidos no envolvimento com o território e a temporalidade, entrelaçando o trabalho, a natureza, o conhecimento e a política.

Quando aproximamos as experiências das práticas citadas aos conceitos de Lazer nem sempre encontramos correspondências objetivas e universais, visto que os conceitos de Lazer ao longo da história foram construídos na lógica da realidade urbana e industrial, uma lógica diferente nas relações e produção de sentidos no que tange nossos estudos. Por isso propomos ampliar nossos olhares e indagações, para assim ampliarmos compreensões sobre os diversos contextos, pessoas e grupos sociais.

O diálogo do campo dos Estudos do Lazer com outras áreas de produção do conhecimento, como as ciências sociais e humanas, em particular a Antropologia, tem sido fundamental para o aprofundamento sobre as experiências culturais nos contextos indígenas, quilombolas, das folias de Reis e das festas de Boi Bumbá. Percebemos nesses espaços um campo de possibilidades para aprofundamentos teóricos e conhecimentos étnicos e estéticos de forma dinâmica a partir do cotidiano das pessoas.

Com base neste entendimento, realçamos a necessidade de enfatizar a alteridade dos modos de viver, suas diferenças e lógicas, em igualdade de importância e valorização das



referências criadas nesse contexto dinâmico da vida em que se constituem e se relacionam. Nossas investigações possibilitam um movimento em direção a esses outros modos de viver, assinalando a relação pesquisa, alteridade, cotidiano e territorialidade.

Leisure and alterity: anthropological approaches

ABSTRACT

In the context of Graduate Studies, we have been challenged to question the leisure far beyond the urban areas, to meet other ways of living. As soon as we approach contexts as those of native people and of some communities described as “Quilombolas”, and also of social practices as the “Folia de Reis” in Minas Gerais, or the so called “Festa do Boi Bumbá” in the state of Amazonas, we have been challenged to question the conception of Leisure by intertwining it to social practices. In this sense, we propose to analyze the Leisure experiences in a relational form, overlapping it in lived realities, incarnated in daily life and within a historical perspective. Contexts and cultural experiences presented in this paper are intended to point out, in the Leisure studies, the need for focusing other references, context and research questions so that we can broaden perspectives about people and their social practices.

KEYWORDS: *Leisure studies; Anthropology; Alterity.*

Ocio y alteridad: buscando planteamientos desde el campo antropológico.

RESUMEN

En el contexto de Estudios de Posgrado, hemos determinado el reto de cuestionar el ocio más allá de las zonas urbanas, para conocer a otras formas de vida. A medida que nos acercamos a contextos tales como las comunidades indígenas y “Quilombolas” o prácticas sociales como la “Folia de Reis” en Minas Gerais y la “Festa do Boi Bumbá” en Amazonas, se nos ha planteado la pregunta de cómo el ocio se entrelaza con las prácticas sociales. Por lo tanto, nos proponemos analizar experiencias de ocio de una forma relacional, imbricado en las experiencias vitales, personificado en las formas cotidianas e históricas. Los contextos y experiencias culturales presentados están destinados a destacar, en los estudios sobre ocio, la necesidad de centrarse en otras referencias, contextos y cuestiones de investigación. Como resultado, podemos ampliar las perspectivas sobre las personas y sus prácticas sociales.

PALABRAS CLAVES: *Estudios sobre Ocio; Antropología; Alteridad.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Moacir. *Alguns Aspectos da Antropologia Cultural do Amazonas*. Casa Editora Madrugada. Manaus-Amazonas, 1978



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

BERTOLANI, Marlon Neves. *Representações Sociais da Saúde e Políticas de Saúde voltada a populações indígenas: uma análise entre o sistema de saúde Guarani e a Biomedicina*. Dissertação. Mestrado em Política Social, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

CARVALHO, José Jorge de. Espetacularização e canibalização das culturas populares na América Latina. *Revista Antropológicas*, 2010. p. 39-76.

FURLANETTO, Beatriz Helena. Território e Identidade no Boi-Bumbá de Parintins. *Revista Geográfica da América Central*. Costa Rica. II semestre de 2011. p. 1-15.

GOMES, Christianne, *et al.* (orgs). *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.

_____. A evolução da sociedade. In: FABIAN, A. C. (Org.). *Evolução: sociedade, ciência e universo*. Bauru: Edusc, 2003. p. 107-131.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.

_____. *Nous n'Avons Jamais Été Modernes: Essai d'Anthropologie Symétrique*. Paris: Editions La Découverte, 1991.

MELO, Victor Andrade de. *Sobre o conceito de lazer*. Sinais Sociais. Rio de Janeiro, set-dez 2013. p. 9-86.

SAHLINS, Marshall. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em via de extinção. In: *Mana - Estudos de Antropologia Social do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1 e 2, UFRJ, 1997.

STRATHERN, Ann Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo, Editora Cosac Naify, 2014.

TERENA, M. O brincar, jogar e viver indígena: os jogos para o Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena. In: PINTO, L.M.S.M.; GRANDO, B. S. (Org.). *Brincar, jogar, viver: IX Jogos dos Povos Indígenas*. Cuiabá: Central de Texto, 2011.

TOREN, Christina. Uma antropologia além da cultura e da sociedade: Entrevista com Christina Toren. *Revista Habitus*. IFCS - UFRJ .Vol. 11 – nº1, 2013.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Por uma Sociologia da alteridade: estranhos e estrangeiros em São Paulo. In: BERNARDO, Teresinha; TÓTORA, Silvana (Orgs.). *Ciências Sociais na atualidade: percursos e desafios*. São Paulo: Cortez, 2004.

WAGNER, Roy. *A invenção da Cultura*. São Paulo: CosacNaify, 2010.

WILLIAMS, Raymond. *La larga revolución*. Ediciones Nueva Vision, 1961.